

“ÉS TÁCITO OU PLÍNIO?” (PLIN. EP. 9.23.3.2): CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ARISTOCRACIA SENATORIAL DO PERÍODO NERVA-TRAJANINO

*João Victor Lanna de Freitas*¹

RESUMO: Plínio, o Jovem, se comunicou regularmente com alguns personagens importantes de sua época, inclusive com o próprio imperador. Fora Trajano, o historiador Cornélio Tácito é seu destinatário mais frequente. Neste artigo, analisamos a correspondência pliniana à Tácito. O objetivo é elucidar e discutir pontos importantes da atuação das elites aristocráticas na política e sociedade romana no início do século II d.C. Para isso, tivemos em conta as estratégias de inserção e consolidação de uma nova aristocracia (provincial e municipal) no centro político do poder, Roma, tendo em vista os lugares sociais ocupados por nossos personagens e as relações estabelecidas entre eles e outros agentes sociais do período.

PALAVRAS-CHAVE: Plínio, o Jovem; Tácito; Aristocracias; Trajano; Império Romano.

ABSTRACT: Pliny the Younger exchanged letters regularly with some of the most important people of this time, including the emperor himself. Besides Trajan, the historian Cornelius Tacitus was his most frequent addressee. In this paper, I analyze Pliny's correspondences to Tacitus. The objective is to discuss the disposition and actuation of aristocratic elites in Roman politics and society in the beginning of the 2nd century AD. To do this, I look into the inception and consolidation strategies of new aristocracies (provincials and municipals) in the political center of the empire, Rome, trying to situate the social places held by our authors and the relationships they established with other social agents of the period.

KEYWORDS: Pliny the Younger; Tacitus; Aristocracies; Trajan; Roman Empire.

Conversavam no circo um experiente senador e um jovem equestre que não se conheciam e se encontraram ali por acaso. Em meio a algumas conversas sobre filosofia, literatura e política, o jovem interpelou: “Você é da Itália ou é um provincial?” O senador, ciente da sua fama, respondeu: “Você me conhece e certamente pelos meus escritos.” “És Tácito ou és Plínio?”, questionou prontamente o equestre. A identidade do jovem não é conhecida por nós, mas o experiente senador em questão era Cornélio Tácito. Quem retratou esse diálogo, no entanto, foi Caio Plínio Cecílio Segundo, apelidado Plínio, o Jovem, em uma carta a Novio Maximo (Plin. *Ep.* 9.23). As palavras de Plínio que seguem a esse

¹ Doutorando em História na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do Laboratório de Estudos Sobre o Império Romano (LEIR/UFOP). Bolsista CAPES e UFOP. E-mail: joao.victor.lanna26@gmail.com.

relato ilustram, além do elogio a Tácito e a perceptível empolgação do epistológrafo em ter sua fama como orador e literato equiparada a do historiador, aspectos importantes da lógica aristocrática de busca por reconhecimento e *honos*² durante o Principado romano.

Considerando isso, um longo debate historiográfico se formou durante o século XX a respeito da relação entre esses dois personagens e sobre as possíveis influências e contribuições da comunicação entre eles para a composição de suas obras. Os principais autores responsáveis por polarizar esse debate foram Ronald Syme e Adrián-Sherwin White. Enquanto o primeiro evidenciou uma relação de rivalidade e falsa deferência por parte de Plínio, o Jovem, e de frieza e distância por parte de Tácito (Syme, 1958, p. 112-114), o segundo enxergou na análise da correspondência pliniana a Tácito o amadurecimento de uma amizade frutífera, seguida de um mútuo reconhecimento literário (Sherwin-White, 1998, p. 110-112, 335).

Um balanço das ideias de Ronald Syme e Adrián Sherwin-White foi feito no final do século XX por Miriam Griffin (1999, p. 139-144). A historiadora assumiu a ideia da competitividade entre Tácito e Plínio. No entanto, ela se alinhou com a perspectiva de Sherwin-White ao destacar que as supostas diferenças nas personalidades desses dois literatos se manifestaram mais em relação ao decoro estilístico de suas obras do que realmente a gênios pessoais. Dessa forma, Griffin minimizou aspectos da rivalidade entre Tácito e Plínio, o Jovem, como algo comum em um ambiente naturalmente competitivo. Para ela, a competição não se tratava de uma relação de inimizade ou repulsa, mas de uma união baseada em características compartilhadas entre eles (Griffin, 1999, p. 149-156). Griffin destaca que essas similaridades teriam transformado os dois em amigos unindo-os por um laço de respeito, não de assimetria.

Além de Syme, Sherwin-White e Griffin, outros historiadores também entraram no debate sobre a relação entre Tácito e Plínio, o Jovem, a maior parte deles, no entanto, focando-se no âmbito literário. Bruère (1954) e, posteriormente, Murgia (1985) atestaram o intercâmbio de ideias entre os dois autores e a influência de Tácito na obra pliniana, tanto na composição de algumas cartas como no Panegírico. Já Dominik (2007, p. 335) colocou as carreiras

² De acordo com Winterling (2009, p. 29), “em latim, *honos*, simultaneamente, significava ‘cargo político’ e ‘honra’. Assim, os cargos políticos atribuíam prestígio social.”

jurídicas e oratórias de Tácito e Plínio, o Jovem, em patamares semelhantes, atestando, como Griffin, que uma provável relação de *amicitia* e reconhecimento não excluía a rivalidade ou a emulação entre os pares.

Considerando esse debate, analisamos neste artigo a comunicação entre Tácito e Plínio, o Jovem, como um estudo de caso que contribui para nossa compreensão sobre a fluidez de fronteiras entre diversidade e uniformidade e amizade e competição na mentalidade política dos grupos aristocráticos que compunham o Alto Império Romano. Para isso, as *Cartas* de Plínio, o Jovem, à Tácito foram nossas fontes principais. Nossa análise se concentrou em três pontos principais: 1) evidenciar a fluidez entre competição e cooperação nas relações aristocráticas do principado de Trajano; 2) discutir como as aristocracias da época estabeleceram padrões de virtude e comportamento político e social através de obras literárias; 3) destacar como a literatura e a oratória se convertiam em lugares importantes de conflito político e reconhecimento social.

Nesse sentido, apresentamos primeiramente um breve panorama da composição da aristocracia senatorial sob Trajano, considerando os movimentos de integração, mas também de ruptura e dissociação dentro desse grupo. Procuramos pensar como isso influenciou a postura e o comportamento dessa aristocracia diante de conflitos políticos e da formação de redes de solidariedade dentro da estrutura de poder existente. Em seguida, tendo em vista os lugares sociais ocupados por Tácito e Plínio, o Jovem, discutimos a materialização dessa estrutura, destacando as principais arenas de conflito e as variações de postura e comportamento necessárias à sobrevivência e à ascensão política e social nesse contexto.

Demarcações culturais e conflitos políticos

Tácito e Plínio, o Jovem, foram contemporâneos; homens que compartilharam o mesmo contexto social, bem como ambições políticas e tradições literárias semelhantes. Além disso, ambos foram ensinados pelo mesmo mestre, Quintiliano, e, como admitem em suas obras, os dois obtiveram sucesso

político sob a tirania de Domiciano.³ Tanto Plínio como Tácito foram membros de aristocracias de origens provinciais ou municipais,⁴ de famílias originalmente equestres e foram os primeiros entre seus ascendentes a atingirem ao consulado, sob os governos de Nerva e Trajano.⁵ Mesmo em meio à tantas semelhanças, os dois mantiveram motivações e particularidades que nos ajudam a compreender a aristocracia senatorial de sua época como um grupo social e político não-homogêneo – apesar de compartilharem tradições e motivações comuns – e que não respondia à sua realidade de forma uniforme.

Pensar em Tácito e Plínio, o Jovem, como agentes históricos pode nos mostrar como os diversos papéis sociais assumidos por eles se mesclam, mas por vezes entram em conflito, refletindo as ambiguidades presentes em seu próprio tempo. Em sua correspondência publicada, Plínio falou sobre ou com Tácito por quinze vezes,⁶ sendo onze cartas direcionadas ao historiador.⁷ Essas cartas dissertam sobre os mais variados temas da vida aristocrática, como momentos de lazer e estudos, vida pública, além de ambições políticas e literárias. Seccionamos essa correspondência em três grupos correlacionados que evidenciam os padrões de virtude e comportamento político e social por parte dessa aristocracia em espaços de atuação variados.

O primeiro grupo de cartas analisadas inclui *Ep.* I, 6 e *Ep.* IX, 10, além de parte da *Ep.* I, 20 e trata particularmente da vida privada de Tácito e Plínio, o Jovem, mas também de atividades cotidianas e momentos de lazer e de estudo comuns a homens de estatuto social elevado. São vestígios curtos que fazem referências à austeridade da vida no campo. Nessas cartas, Plínio evidenciou três vezes a dignidade do ambiente campestre, que propiciava um equilíbrio entre a

³ Tácito afirmou em *Histórias* que sua *dignitas* se elevou muito mais alto sob Domiciano (Tac. *Hist.* I, 3). Já Plínio (*Ep.* VII, 16) serviu no início de sua carreira como *quaestor augusti*, sendo indicado diretamente pelo *princeps*.

⁴ Syme (1958, p. 64) afirmou que algumas fontes atribuem a Tácito origens itálicas, ao passo em que outras dizem que ele nasceu em algum lugar da Gália Narbonense ou Belga. Quanto a Plínio, o Jovem, ambas as famílias, *Caecilius* e *Plinius*, tinham origens gaulesas e pertenciam às aristocracias municipais de Como e Verona respectivamente (Sherwin-White, 1998, p. 70).

⁵ Tácito em 97 d.C. (Plin, *Ep.* II, 1) e Plínio, o Jovem, em 100 d.C. (Plin. *Pan.* 92.2).

⁶ Além das cartas diretas a Tácito, Plínio, o Jovem, cita o historiador em outras quatro: *Ep.* II, 1; *Ep.* II, 11 (3); *Ep.* IV, 15; *Ep.* IX, 23 (3).

⁷ *Ep.* I, 6; *Ep.* I, 20; *Ep.* IV, 13; *Ep.* VI, 9; *Ep.* VI, 16; *Ep.* VI, 20; *Ep.* VII, 20; *Ep.* VII, 33; *Ep.* VIII, 7; *Ep.* IX, 10; *Ep.* IX, 14. As cartas direcionadas a Tácito são em maior número do que as cartas destinadas a qualquer outro correspondente pliniano. Atrás do célebre historiador estão Volconio Romano e o sogro de Plínio, Calpurnio Fabato (ambos com oito cartas).

atividade intelectual e física.⁸ A atividade física destacada é a caça.⁹ Ele sugere a Tácito que leve, quando for caçar, “não só a cesta de pães e o cantil de vinho, mas também as tábuas de cera” (Plin. *Ep.* I, 6), pois esses eram momentos de grande inspiração literária. Palavras semelhantes aparecem em *Diálogo dos Oradores* (Tac. *Dial.* 12, 1), onde Materno afirmou: “Quanto aos bosques, às clareiras e ao próprio retiro, que Áper criticava, eles me trouxeram tamanhos prazeres que eu os enumeraria entre os principais frutos de meus poemas.”

Essa analogia entre produção intelectual e trabalho físico se repete em Plin. *Ep.* IX, 10 de forma quase idêntica. Em resposta a Tácito, Plínio justificou seu pouco empenho nas caçadas pela falta de javalis na região, impedindo que se honrasse igualmente Minerva e Diana.¹⁰ Essa escassez também era refletida na produção literária. O epistológrafo se defende sobre sua pouca produtividade no que tange à novas composições, afirmando que estava ocupado na revisão de antigos discursos: “um tipo de trabalho pouco amável e ameno, mais parecido com os duros trabalhos do campo do que com seus prazeres.” (Plin. *Ep.* IX, 10) Bem como no caso da caça e da literatura, a complexidade dos trabalhos agrícolas serve, para Plínio, como analogia para as atividades nos tribunais.¹¹ Essa analogia e a contraposição de atividades forenses/oratórias/rurais (*negotium*) com composições literárias/atividades de caça (*otium*) parece simbolizar duas facetas tradicionais das atividades desejáveis a um aristocrata romano, tanto na vida rural como na urbana.

Ao traçar esse paralelo entre literatura, oratória, lazer e trabalho rural, Plínio, o Jovem, demonstrou sua preocupação em se vincular a um perfil moral tradicional que remontava a *grauitas*¹² da vida campestre, característica natural dos antigos romanos. Ao mesmo tempo, através da substituição do trabalho

⁸ Como pode ser visto em *Ep.* I, 6 e em *Ep.* IX. Referências semelhantes também podem ser encontradas em cartas a outros destinatários, como, por exemplo, *Ep.* IX, 16 e *Ep.* IX, 36.

⁹ Edwards (2008, p. 41-42) afirmou que a analogia entre a caça e os estudos literários era bastante recorrente na literatura latina, pois estava ligada aos ideais aristocráticos romanos de virtude. Quanto a isso, Políbio (31.29.3) associou essa prática a Cipião Emiliano, célebre general romano responsável pela derrota de Aníbal na Segunda Guerra Púnica e considerado pelas fontes republicanas como *exemplum* de conduta e virtude. A vida no campo e o deleite da caça também são elogios que Plínio faz ao imperador Trajano em *Pan.* 81.

¹⁰ Minerva e Diana são deusas da arte e da caça respectivamente. A alusão se repete em *Ep.* I, 6.

¹¹ A analogia entre trabalho agrícola e a produção de discursos forenses também foi destacada na *Ep.* I, 20 e volta a aparecer, relacionando a prática forense ao serviço militar, em *Ep.* VII, 25.

¹² *Grauitas* pode ser traduzida como gravidade, no sentido de austeridade. Wallace-Hadrill (1981, p. 312) destacou essa característica como uma entre vinte *virtutes* perfeitas na composição do *Optimus Princeps* de Plínio, no Panegírico a Trajano.

braçal pelo intelectual, ele reafirmou um ideal aristocrático, também compartilhado por Sêneca, no qual o ócio e a tranquilidade da riqueza deveriam ser convertidos em virtude através do cultivo da razão.¹³ A exaltação da vida no campo indica uma tópica recorrente na literatura latina retomada em diversas obras – perpassando autores célebres do período republicano, como Catão, o Velho,¹⁴ e Varrão¹⁵ – para criticar os padrões morais da aristocracia de seu próprio tempo, como corrompidos pelo luxo da vida urbana.

Em larga medida, as obras de Tácito e Plínio, o Jovem, buscaram recuperar essa tradição de comportamento aristocrático, criticando a vida na cidade como propensa aos vícios. Por exemplo, a obra mais conhecida de Tácito, os *Anais*, traça um retrato claro não só do poder desmedido dos *principes* Júlio-Claudios, mas dos vícios, da servidão e da decadência da aristocracia do início do Principado. Excetuando-se as obrigações públicas, como a ocupação de magistraturas, atividades judiciárias e reuniões comiciais, as atividades do cotidiano citadino – tais como o comércio e o empréstimo de dinheiro a juros, por exemplo – eram largamente censuradas como marcadores de uma aristocracia em decadência moral, corrompida pelo luxo e enfraquecida pela servidão.¹⁶ Essa crítica, apesar de ser feita em âmbito geral, parece se concentrar em uma parte da aristocracia proveniente de algumas regiões específicas, especialmente daquela tradicionalmente conectada à cidade de Roma.

Por exemplo, em carta a Calvício Rufo, ao se referir às práticas baixas praticadas pelos homens de seu tempo para enriquecer, Plínio destacou: “Mas por que vou me indignar por isso quando vivo em uma cidade em que já faz tempo que a indolência e o desrespeito recebem prêmios iguais, lhe diria inclusive maiores, que a honra e a virtude?” (Plin. *Ep.* II, 20). Uma postura semelhante pode ser vista em Tácito, nos *Anais*, onde o historiador destaca a cidade de Roma

¹³ Em *Sobre os Benefícios* (88.21-23), Sêneca afirmou que as artes manuais “são reconhecidamente inferiores”, mas “têm grande importância no que toca aos acessórios da vida” e “nada têm a ver com a virtude”, conectada ao uso da razão. Cf. Faversoni (2012, p. 87-94).

¹⁴ No seu tratado *Sobre a Agricultura* (I, 1), Catão, o Velho, proeminente senador que viveu entre os séculos II e I a.C., afirmou que nos primórdios da República: “(...) quando louvavam um homem bom, assim o louvavam: bom agricultor e bom lavrador!”

¹⁵ Contemporâneo de Catão, o também senador e autor de outro tratado, *De Re Rustica*, Marco Terêncio Varrão continuou essa tradição saudosista quanto à vida no campo em sua obra: “(...) nossos antepassados, grandes homens, antepunham os homens dos campos aos das cidades” (*R.R.* II, 1).

¹⁶ Essa questão é bem explorada tanto por Plínio, o Jovem, quanto por Tácito. Cf. Plin. *Ep.* IX, 30; Tac. *Ann.* III, 55, 1-3.

como foco da servidão presenciada no início do governo de Tibério: “Mas já dentro de Roma, corriam a precipitar-se na escravidão os cônsules, patrícios e cavaleiros: e quanto mais ilustres mais falsos e prontos se mostravam (...).” (Tac. *Ann.* I, 7, 1)

O problema destacado, no entanto, parece superar a propensão viciosa do ambiente urbano tomando características políticas e culturais. A competição aristocrática, cada vez mais deixava de ser romana, ou mesmo italiana, e se expandia para outras partes do Império. Quanto a isso, fontes evidenciam as dificuldades em lidar com diferenças culturais e como isso se convertia em tentativas de hierarquização entre municipais e provinciais das mais variadas regiões. Juvenal (*Sat.* VIII, 120), por exemplo, apontou algumas províncias que, devido aos costumes luxuriosos, tinham a capacidade de corromper os homens. Ao falar sobre os ródios e os coríntios, ele diz: “Fazes bem em desprezá-los: o que vão fazer esses jovens com resina nas costas e todas essas pessoas com as pernas raspadas? Outras regiões que há de se evitar é Zahareña na Hispânia, a região das Gálias e da costa da Ilíria.”

Ao mesmo tempo que isso representa a existência de diversos conflitos culturais e secções entre as elites – e os habitantes em geral – do Império, essas divisões contribuíram para a formação de novas redes de solidariedade nas quais as origens e o nascimento tiveram um efeito basilar.¹⁷ Por exemplo, Plínio, ao receber o pedido de um cliente – Júnio Máurico – para indicar um marido para sua filha, afirmou sobre o candidato selecionado, Minicio Aciliano: “Sua pátria é a Brixia, parte de nossa Itália que ainda mantém intacta muita daquela decência e sobriedade e também daquelas antigas virtudes campesinas.” (Pli. *Ep.* I, 14) A hierarquização e a legitimação da dignidade de aristocratas com base no local de nascimento ficam claras na ideia que Plínio quer passar ao leitor: sua região natal, o norte da Itália, produzia homens mais dignos do que as demais regiões da península.¹⁸

¹⁷ Isso pode ser ilustrado nas origens dos correspondentes plinianos, que formavam sua rede de *amicitia* e clientela. Dos doze principais correspondentes de Plínio, o Jovem, os sete que conseguimos rastrear têm comprovadamente origens provinciais ou municipais e, dentro desses, a maioria (quatro) é originária do norte da Itália (Calpúrnio Fabato, Maturio Arriano, Canínio Rufo, Pomperio Saturnino) ou de regiões vizinhas (Cornélio Tácito e Valério Paulino). Dentre aqueles cujas origens puderam ser rastreadas, somente Vocônio Romano é comprovadamente da Hispânia.

¹⁸ No entanto, a proteção mútua entre provinciais/municipais de mesma região não impediu que outros vínculos de origens diversas fossem criados, como destacou Saller (1982, p. 188).

Sob uma perspectiva mais geral, Tácito, em *Germania*, também foi crítico dos padrões morais de comportamento aristocrático em sua época. Ao comparar a sobriedade dos germanos aos antepassados romanos, ele utilizou os bárbaros como *exemplum* aos viciosos aristocratas de seu tempo. O historiador evidenciou que os povos da Germânia, por preservarem certa inocência e primitivismo, ainda mantinham sua liberdade e austeridade, bem como o respeito às tradições, agindo, muitas vezes, de maneira mais virtuosa – e mais “romana” – que os próprios romanos, conformados aos vícios de seu tempo.¹⁹ Em uma sociedade como a romana na qual a cidadania era muito mais uma questão de ordem política que de nascimento (Gardner, 1993), podemos notar certa empatia de Tácito, homem de origens provinciais, com os povos germânicos. Esse foi um discurso que parecia ser recorrente na boca das elites provinciais e municipais, principalmente nas regiões ocidentais: a decadência da antiga elite cidadina e a ascensão de novos romanos que não tinham sua *dignitas* no nascimento, mas devido ao comportamento apresentado.²⁰

Ao que pudemos notar, existiam distinções culturais entre as diversas aristocracias provinciais e municipais inseridas na sociedade romana. Isso pode ser observado desde a pergunta inicial deste texto, feita pelo jovem equestre a Tácito: “Você é da Itália ou é um provincial?” Essa dúvida, por si só, já demonstra a existência de demarcações sociais dentro da própria ordem senatorial que garantiam distinções não só baseadas na estrutura jurídica tradicional de *ordines*, mas também através de elementos culturais. Syme (1958, p. 619), por exemplo, sugeriu que a resposta evasiva de Tácito ao equestre aponta para as origens provinciais do historiador, uma alternativa hierarquicamente menos prestigiosa que a italiota.

A municipalização e, posteriormente, a provincialização da elite política do Império foi um movimento recorrente durante os séculos I a.C. e I d.C. Esse processo estava envolto por um complexo sistema de benefícios que ajudou a reestruturar a sociedade do Principado, multiplicando e incentivando a

¹⁹ Por exemplo, a descrição da autoridade dos chefes germanos por Tácito (Tac. *Ger.* XI) nos parece muito coerente com as características atribuídas por ele a um bom *princeps* ou mesmo àquelas destacadas por Plínio, no *Panegírico*, ao qualificar Trajano como *optimus princeps*. Para mais informações sobre a construção da imagem de Trajano, ver Bennett (2005).

²⁰ Nos *Anais* (XI, 24), Tácito retrata uma discussão no Senado durante o governo de Cláudio sobre a concessão da dignidade senatorial aos nobres da Gália Comata. Isso ilustra bem o conflito entre os senadores quanto à aceitação ou não de membros daquela região e a opinião do imperador sobre a necessidade de indicar os mais ilustres do Império à dignidade senatorial.

competição, mas ao mesmo tempo prevenindo a sobreposição de forças individuais e concorrentes ao poder imperial. Rutledge (2001, p. 53) chamou esse processo de “balcanização da política”, no qual o poder era fragmentado em uma grande diversidade de indivíduos que apresentavam motivações igualmente diversas, facilitando, assim, o controle político e social e evitando a concorrência direta pelo poder imperial. Esses indivíduos, no entanto, não assistiram esse processo de forma estática, mas procuraram se mobilizar em grupos que se reuniam levando em conta ambições individuais, mas também diversos aspectos culturais, sociais, políticos etc. Esses grupos transcendiam uma mera categorização jurídico-constitucional como o “Senado” ou mesmo a “aristocracia” e formavam uma massa razoavelmente heterogênea.

Esse contexto refletiu na composição da aristocracia imperial. Grande parte dos senadores e equestres durante o governo de Trajano não eram mais provindos das antigas e tradicionais famílias romanas, mas de municípios italianos e das mais diversas províncias. A dignidade senatorial ao final do século I a.C., por exemplo, como nos mostrou Hopkins (1983, p. 99-118), se abriu para novas gentes em uma velocidade de uma centena por geração. Era, segundo ele, o suficiente para acomodar uma imensidão de equestres e outros diversos indivíduos emergentes de camadas inferiores da população. O resultado disso também foi expressivo na consolidação de uma nova ordem de cavaleiros e senadores recrutada de novas famílias provindas das mais diversas aristocracias municipais e provinciais.

O próprio imperador era de origem hispânica, tendo no pai o único antecedente consular da sua linhagem.²¹ A imersão em larga escala dessa nova elite gerou conflitos culturais e políticos,²² dando contornos mais diversificados na competição pelo poder.²³ Essa diversificação da aristocracia senatorial, no entanto, como notamos na resposta de Plínio, o Jovem, a Júnio Máurico e na fala de Juvenal, não polarizou o conflito entre provinciais/municipais e cidadãos,

²¹ Bennett (2005, p. 3) destaca, através da lista consular, que o pai de Trajano foi o único antes de seu filho a ocupar essa distinção, no ano de 70 d.C., sob o governo de Vespasiano.

²² Para mais sobre o caráter individual e coletivo desses conflitos, ver Favarsani (2012, p. 118).

²³ Tácito e Plínio, o Jovem, trazem um tratamento ambivalente sobre a inserção de *novi homini*. Por um lado, reclamavam para essa nova aristocracia da qual faziam parte legitimação e inserção social. Por outro, buscavam se afirmar diante de uma aristocracia senatorial ainda mais nova durante o principado de Trajano, composta particularmente de nativos do leste grego. Waters (1969, p. 392) afirmou que cerca de 40% dos homens elevados ao Senado sob Trajano eram naturais dessa região.

mas multiplicou fortemente os grupos de poder e diversificou padrões discursivos e de comportamento político e social diante da necessidade de legitimação por parte desses “novos aristocratas”.²⁴

É importante notar que essa heterogeneidade cultural, ao que nos indicam as fontes, se projetava no campo político e social, tanto na formação de redes de solidariedade como na vinculação dessas aristocracias a uma grande diversidade de padrões morais e éticos de comportamento. Apesar disso, o local de nascimento de um aristocrata não definia isoladamente suas conexões no campo político. Tal como destacou Saller (1982, p. 188), haviam diversas fontes de patrocínio que funcionavam independentemente das origens de um provincial, como a interação com funcionários imperiais e governadores e até mesmo com senadores que possuíam propriedades nas províncias.

A promoção de elites locais não foi só uma peça essencial para a ascensão de *novi homini*, mas também um componente importante na consolidação de grupos de suporte para a competição política. Desde a República Tardia, uma ampla rede de clientes ajudou a consolidar a *dignitas* e *auctoritas* da aristocracia (Saller, 1982, p. 51). No entanto, durante o Principado, demonstrações excessivas de poder poderiam ser perigosas na medida em que se apresentavam concorrentes à autoridade imperial. Tácito e Plínio, o Jovem, mostraram em suas obras que a condução da política pelos *principes* influenciou largamente a postura adotada pela aristocracia. Era necessário se adaptar às transformações do poder como forma de ascender politicamente, ou, na pior das hipóteses, de sobreviver. Diante desse contexto, Favarsani e Joly (2013, p. 140) destacam que:

(...) *não há unidade* nessa aristocracia e, ainda menos, se trata de um grupo estático. Percebe-se que *posturas adquiridas mudam apenas lentamente* (quer para adotar a parcimônia, no caso dos que vivem em Roma, quer para passar à ostentação autodestrutiva, para os que vieram de outras partes da Itália e das províncias), mesmo que *o comportamento possa mudar mais rapidamente* (a cada novo príncipe, os adutores mudariam de pronto seu comportamento, embora a postura não se alterasse). As mudanças, assim, não são sempre rápidas ou lentas, não são uniformes e, sobretudo, não são universais (ênfase minha).

²⁴ Isso pode ser constatado no fato de que Plínio e Tácito – a exemplo de praticamente toda literatura romana dos séculos I a.C. e I d.C. – apresentam posturas bastante desfavoráveis quanto aos costumes das províncias orientais e seus habitantes, bem como quanto ao mundo helenístico em geral. Cf. Cic. *Ora.* I, 102 e Sen. *Apo.* IV, 4-3; Tac. *Dial.* 3, 4; Plin. *Ep.* X, 40.2.

Diante desse cenário, Tácito e Plínio, o Jovem, se mostraram exemplos importantes do dinamismo necessário diante da ambiguidade que envolvia a posição dos imperadores perante a aristocracia. Críticos incisivos do governo de Domiciano, ambos admitiram, com cautela, que estavam em meio ao grupo daqueles que se elevaram politicamente através desse imperador. Ao mesmo tempo, continuaram suas carreiras com sucesso no governo nerva-trajanino. Eles não foram os únicos. Waters (1969, p. 399) evidenciou que em nenhum outro momento houve uma maior continuidade na esfera dos conselheiros imperiais e outros administradores proeminentes do que na transição Domiciano-Nerva-Trajano. Sua análise, nesse ponto, compartilha das ideias de Crook (1955), que anos antes evidenciou que pouquíssimos senadores tiveram suas carreiras interrompidas ou finalizadas com as mudanças de dinastia em geral.

A presença de um *princeps* que exercia um poder superior aos demais – manifestando isso por vezes em maior, por vezes em menor escala –, demandou uma elite política que se mostrasse adaptável diante da magnitude desse poder (Faversani & Joly, 2013). Fora isso, a competição por posições políticas relevantes perpetuou conflitos internos dentro da própria aristocracia. Diante desse cenário, um problema se impunha: como alcançar o sucesso em um regime onde o campo de atuação era restrito tanto pela presença de um governante centralizador como pela competição homicida entre os pares? Nesse cenário, era extremamente perigoso se destacar demasiadamente atraindo *invidia*, tanto do imperador quanto dos demais senadores. Por outro lado, agir com servidão poderia gerar *beneficiis*, mas era uma maneira indigna de se portar. Como, então, agir com liberdade e alcançar sucesso político?

Como vimos, Tácito e Plínio, o Jovem, foram dois sobreviventes, experientes nesse assunto. Na correspondência pliniana a Tácito três meios importantes de elevar-se com dignidade se evidenciam: 1) a boa prestação de serviços públicos, 2) atividades judiciais e 3) atividades literárias (*Ep.* VII, 33). Essas atividades se embasam em uma lógica patronal (*Ep.* VI, 9 e *Ep.* IV, 13) presente desde o período republicano, mas que passou a exigir um comportamento diferente, tendo em conta a nova lógica de funcionamento do Principado.

Arenas de cooperação e de disputa da aristocracia senatorial

Durante o período republicano, as relações entre *amici/clientes/patroni* eram essenciais na arena política, atuando como força motriz das assembleias de votação de leis e eleições de magistrados. Em larga medida, foi a influência de um número reduzido de lideranças sobre extensas redes patronais que levou à polarização do poder nas mãos de *priuati* e aos conflitos civis do século I a.C. (Williamson, 2005). Isso justificaria as tentativas de controle exercidas pelo imperador quanto ao acesso às magistraturas, algo que solidificaria uma base política impedindo que poderes concorrentes desafiassem sua *auctoritas* (Plin. *Ep.* IX, 5, 3). Tal como nos mostrou Saller (1982) em seu estudo sobre o patronato no Alto Império Romano, relações desse tipo não se extinguíram com a perda de poder das assembleias.²⁵ Exibir um enorme séquito de clientes ainda continuava ser uma manifestação importante de autoridade pessoal por parte dos aristocratas durante o Império.

Isso fica claro na medida em que Plínio, o Jovem, fez questão de nos mostrar em suas cartas que ele fora um patrono bastante influente e um amigo participativo que procurou sempre elevar aqueles que lhe cercavam, sendo ao mesmo tempo também enaltecido por eles.²⁶ Essa, ao que nos parece, foi uma postura compartilhada por Tácito. A *Ep.* VI, 9 nos permite supor que Tácito, provavelmente estando ausente de Roma, pediu o apoio de Plínio à candidatura de Júlio Nasão. Plínio aceitou prontamente. Sua postura foi bastante receptiva quanto à promoção de favores não só a particulares, mas também a municípios. Em outra carta direcionada a Tácito (*Ep.* IV, 13), Plínio conta sobre uma visita à sua cidade natal, Como. Em sua estadia, ele ficou inconformado com o fato de os jovens da cidade terem que se deslocar para completar seus estudos em Mediolano. Diante disso, convenceu alguns *patres* a reunirem uma soma em

²⁵ Saller (1982, p. 1-7) demonstra que tal uso de *patronus* e *cliens* foi um *continuum* entre a literatura republicana e aquela dos primeiros dois séculos do Principado e que a ausência desses termos sob o governo dos *principes* não implicou na extinção das relações patronais e sim no decoro através do qual essas relações foram descritas.

²⁶ Saller (1982, p. 9, 11) mostrou que o uso de *patronus* e *cliens* para designar aqueles que estavam envolvidos nas relações de clientela foi restrito, nas fontes literárias, a proteções jurídicas entre comunidades e benfeitores e ainda entre ex-mestres e libertos, devido a inferioridade implícita nesses termos. Para a relação entre membros da aristocracia essa subordinação social poderia parecer arrogante quando usada entre eles. Assim, a palavra *amicus* tinha um sentido mais decoroso.

dinheiro para contratarem professores para o município, ele mesmo auxiliando economicamente nessa empreitada.²⁷

As ações de Plínio e Tácito na promoção dos seus clientes ou no auxílio de municípios, como visto acima, mostram que, mesmo diante do poder centralizador exercido pelo *princeps*, havia, em grande medida, uma independência quanto ao estabelecimento de redes de solidariedade dentro e fora da aristocracia senatorial.²⁸ Isso às vezes se convertia em concorrência ao poder imperial, como no caso das inúmeras conspirações, bem-sucedidas ou não. Em resumo, o *princeps* era o maior patrono do Império, mas definitivamente não era o único e nem tinha controle absoluto sobre essas relações.

As relações patronais se estendiam além da concessão de auxílios financeiros ou apoio a magistraturas. Também eram vistas claramente na proteção jurídica. A prática forense sempre foi uma função respeitada pela aristocracia romana. Era pela defesa dos *amici* e a aplicação da justiça que os maiores oradores e políticos se destacavam através de discursos impactantes, reunindo admiradores e seguidores, além de uma plateia favorável.²⁹ Na época de Plínio, o Jovem, e Tácito, isso não foi diferente. Com a concentração das principais honras civis e militares nas mãos dos *principes*, as ações nos tribunais – e principalmente no Senado – adquiriram uma centralidade política ainda maior na promoção da aristocracia senatorial.

Em consonância a isso, as cartas de Plínio registram largamente sua atuação em ações judiciais. Em dois dos mais importantes episódios da carreira do epistológrafo, Tácito apareceu: os julgamentos de Bébio Masa e de Mário Prisco. O primeiro deles não contou com a participação direta do historiador, mas foi direcionada a ele a Carta VII, 33 que narra o acontecimento.³⁰ Masa foi um personagem com um histórico político vinculado à delação de inúmeros

²⁷ O epistológrafo conta que se comprometeu a pagar um terço das despesas, mas que prometeria a totalidade caso não temesse que, com o tempo, os pais agissem com descaso na escolha dos professores (Plin. *Ep.* IV, 13).

²⁸ Durante a Dinastia Julio-Cláudia, os imperadores que tentaram desconsiderar as instituições republicanas e a ordem social na distribuição de benefícios tiveram destinos sombrios e seu fracasso estampado pelas fontes posteriores. De Augusto a Trajano, temos aristocratas extremamente ativos que atuavam diretamente no centro político do poder, muitas vezes com um grau de interdependência elevado quanto à autoridade imperial. Cf. Bennett (2005, p. 4).

²⁹ Plínio (*Ep.* VI, 23) destacou a importância da atuação jurídica, principalmente no início do *cursus honorum*. Sobre a atividade forense e a vida política romana, ver Powell & Paterson (2004, p. 37-43).

³⁰ A importância desse caso é destacada já no início da *Ep.* VII, 33, quando o próprio epistológrafo o escolheu, dentre tantos outros, para ser registrado pelo historiador.

personagens célebres que conseguiu favores de Domiciano através de bajulação.³¹ Em 92 d.C., ele foi nomeado pelo imperador procônsul da província Hispânia Bética. Agindo de forma despótica e corrupta com os cidadãos daquela região, Masa foi acusado pelo crime de *repetundis*,³² tendo Plínio, o Jovem, e Herênio Senécio como seus acusadores, os quais foram indicados pelo Senado. De acordo com o relato pliniano (*Ep.* VII, 33), o Senado, ao final do julgamento, “havia decretado que as propriedades do réu fossem confiscadas pelo Estado”. No entanto, a predisposição dos cônsules em “escutar as reclamações de Masa sobre a restituição de seus bens” causou a ira de Senécio, que voltou a intervir junto aos senadores ignorando os conselhos de Plínio e sendo acusado e condenado à morte pelo crime de *impietatis reum*, pois “não havia atuado com a imparcialidade de um defensor e sim com a animosidade de um inimigo”.

Um cenário parecido é construído no julgamento de Mário Prisco. A acusação da cidade de Leptis Magna contra Prisco, também pelo crime de *repetundis*, ocorreu no ano 100 d.C. (*Plin. Ep.* II, 11). Como fator agravante, Prisco foi ainda acusado de condenar inocentes à morte por dinheiro. Nesse julgamento, Plínio e Tácito foram nomeados pelo Senado como defensores da cidade.

A despeito do interesse pliniano em elevar suas ações e palavras nesses dois julgamentos,³³ a condenação de Herênio Senécio no caso de Masa e uma possível negligência de Tácito e Plínio, o Jovem, no caso de Prisco, nos mostram justamente o risco em agir com excessiva liberdade e virtude em um ambiente dominado pela servidão e pela corrupção do poder. O perigo, nos cenários em questão, não estava só na presença do imperador, mas no aviltamento da própria aristocracia. Os escritos taciteanos deixam claro que o problema não estava somente nos *principes*, mas no corpo de cidadãos que viviam sob o Principado. Tiranos podiam ser depostos – como eram – e suas ações podiam ser apagadas dos registros. Entretanto, os efeitos da tirania permaneciam por muito tempo no

³¹ Tácito (*His.* 4.50.2) descreve Masa como um personagem destrutivo para qualquer um de caráter virtuoso.

³² O crime de *repetundis* foi a primeira das *quaestione perpetuae* a ser criado pela *Lex Calpurnia de Repetundis* em 149 a.C. A nova lei estabeleceu um tribunal permanente (*quaestio perpetuae*) sob a presidência de um pretor que visava regular as reclamações de não-romanos, tanto na Itália como nas províncias, quanto aos crimes de corrupção (Bauman, 1996, p. 17).

³³ Apesar da narrativa pliniana passar a ideia de que o acusado foi devidamente punido, ao que nos indica o satirista Juvenal (*Sat.* I, 49), a pena foi mais branda do que o esperado e a vitória do réu e da defesa foi maior do que a da cidade que lhe acusara e seus defensores. No entanto, diferentemente de Senécio, nem Plínio nem Tácito procuraram recorrer da decisão dos senadores.

comportamento dos homens.³⁴ Para Tácito o problema de sua época não era o Principado em si e nem um ou outro governo tirânico, mas o efeito das tiranias sobre o comportamento das pessoas.

Esse contexto conflituoso e ambíguo também se refletia nas obras literárias. A literatura, como o patronato e a atividade judiciária, era uma opção elevada de ascensão política.³⁵ O desejo evidente de Plínio em se ver retratado nas obras taciteanas ou em apoiar financeiramente poetas, como Marcial, foram exemplos de algumas formas de promoção muito difundidas pela aristocracia senatorial para conseguir fama e *dignitas* em um cenário político bastante concorrido. Ter o nome gravado nas obras dos grandes autores da época garantia ainda que aquele personagem seria lembrado pela posteridade. Se fosse inserido em uma narrativa virtuosa, ele certamente honraria sua descendência, transferindo-lhes essa *auctoritas* como atributo familiar.

Johnson (2012, p. 11-12), em uma análise das cartas plinianas, afirmou que elas retratam com clareza que a produção intelectual no Império tinha uma recepção comum quanto àquilo que era publicado ou mesmo lido. Essa leitura, apesar de ser individual, era contextualizada coletivamente pela participação política intensa de seus leitores, conduzindo assim à formação de grupos dominantes que influenciavam os comportamentos sociais, políticos e culturais daquela sociedade.³⁶ Sailor (2008, p. 18-34) também apontou um papel político à literatura, conectado justamente às ideias de memória e imortalidade literária. Para ele, o discurso da elite imperial romana tentou se mostrar autônomo frente ao poder centralizado dos imperadores. Fica claro que a literatura, tal como a prática forense, também gerou conflitos por posições de influência e poder.³⁷

³⁴ As palavras de Tácito (*Agr.* III, 2) ilustram bem esse paradoxo: “Ainda assim, na natural fragilidade humana mais lentos são os remédios que os males; e onde nosso corpo sem pressa cresce, rapidamente se extingue, dessa mesma forma o talento e o estudo são oprimidos mais facilmente que reestabelecidos (...)”.

³⁵ A carta VII, 33, já citada, nos mostra isso.

³⁶ Tais valores eram naturalmente definidos por uma elite que estava interessada em perpetuar as relações de poder presentes naquela sociedade. Assim, o processo educativo convergia com o pacto social e era responsável por fundamentar as principais tradições e representações dessa sociedade. O resultado disso é a formação de uma elite intelectual tipicamente urbana que compartilhava de um ambiente de interlocução comum e se mesclava à própria elite política do Império. A possibilidade de ascensão no *cursus honorum* foi, dessa maneira, conectada diretamente à educação e às relações de patronato, o que levava muitas famílias mais abastadas a financiarem estudos de clientes. Cf. Marrou (1990).

³⁷ Esse contexto fica claro na leitura de *Diálogo dos Oradores*, durante o discurso de Materno. Tac. (*Dia.* 11-14) faz justamente esse contraste entre a *auctoritas* provinda da prática literária e aquela mais tradicional, provinda da atuação judiciária.

Por outro lado, tal como nas ações nos tribunais, existia sempre um risco na atividade literária. Os famosos casos de Marmeco Escauro e Cremúcio Cordo,³⁸ por exemplo, demonstram que a literatura poderia pecar, tal como os discursos forenses, por *licentia*. O julgamento de Cordo é descrito no relato taciteano como uma denúncia carregada de envolvimento pessoal, já que a supressão da liberdade já tinha sido presenciada por Tácito durante o Principado de Domiciano (Nobre, 2010, p. 176). O destaque dado à figura de Cremúcio Cordo nos *Anais* nos mostra que Tácito vê no Principado a necessidade de mudar a forma de escrita, obedecendo alguns critérios de ironia e dissimulação. Isso acontece para que os autores posteriores, ao contrário de Cremúcio, não motivassem possíveis retaliações e inimizades quanto à sua escrita. Aqui, Tácito se afirmou como um *exemplum* (Mchugh, 2004, p. 403-404).

Esse assunto também foi central na obra *Diálogo dos Oradores*. Através das palavras de Materno, Tácito admitiu que o sentido de *eloquentia*, bem como o de *libertas*, tal como eram compreendidos sob a República, foi essencialmente degenerado no Principado.³⁹ Entretanto, percebe-se no decorrer da obra que Materno não abriga nenhuma nostalgia quanto aos tempos antigos. Em seu discurso, ele afirma que a grande eloquência, pupila da *licentia*, é como o povo insensato chama a liberdade (Tac. *Dia* 40, 2). Quanto a isso, concordamos com Gowing (2005, p. 109-120) quando ele destacou que a intenção de Tácito na obra não foi atestar para um declínio da *eloquentia*, mas, simplesmente, sua transformação. A situação política em Roma se estabilizou, chegando ao ponto em que oradores combativos não eram mais necessários em âmbito político. Numa sociedade em que um único indivíduo toma as decisões, onde reina a *tranquillitas* e a *concordia*, modelos de comportamento como Cícero e Catão, ou como Herênio Senécio, se tornaram ultrapassados. Nesse novo contexto, discursos e comportamentos moderados ou que utilizassem ferramentas retóricas de ambiguidade eram essenciais para a sobrevivência de seus autores e para o exercício da liberdade.

³⁸ Cremúcio Cordo foi acusado, segundo Tácito (*Ann.* IV, 34, 1), por “um crime novo, e absolutamente desconhecido até aquele tempo; porque, tendo escrito e publicado uns *Anais*, fazia o elogio de Bruto, e denominava C. Cássio o último dos romanos”. Já Escauro sofreu perseguição do prefeito do pretório, Macrão, sendo delatado “pelo assunto de uma tragédia que tinha feito, e por alguns versos dela que se podiam aplicar a Tibério (...)” (Tac. *Ann.* VI, 29, 3)

³⁹ Materno disse: “uma vez que falas sobre os antigos, usa da antiga liberdade, em relação à qual nos degeneramos ainda mais do que na eloquência.” (Tac. *Dia* 27, 3)

Conclusão

O que podemos concluir sobre a composição e a dinâmica política da aristocracia senatorial sob o governo Nerva-Trajanino a partir das fontes analisadas? Primeiramente, pudemos perceber que, no final do século I d.C., o processo de inserção de aristocracias provinciais e municipais na política imperial já era bastante avançado. Figuras importantes como Tácito, Plínio, o Jovem, e o próprio imperador Trajano são exemplos claros disso.

Esse processo integrou as novas elites ao centro de poder. Essa integração, no entanto, estava longe de ser homogênea. Ao mesmo tempo em que promoveu ideais de comportamento políticos e culturais mais ou menos comuns, baseados em todo um conjunto de *topoi*, tradições e ritos já secularmente integrados à cultura romana, foi também responsável por construir novas fronteiras. Nesse cenário, conflitos culturais eram transferidos ao espaço político, agindo sobre redes de solidariedade e construindo lugares e hierarquizações sociais. Tudo isso também refletia fortemente no campo discursivo – que foi um importante lugar de legitimação e autoridade –, como as cartas de Plínio e as obras de Tácito nos mostram. Essa competição, como vimos, não era polarizada entre provinciais/municipais e cidadãos, mas entre os aristocratas das mais diferentes origens.

Por último, notamos, através da correspondência pliniana a Tácito, que com a ascensão do poder dos *principes*, a possibilidade de prática política, ao contrário da afirmação de Finley (1985), não foi extinta.⁴⁰ Existiam diferentes arenas de competição política no Principado e elas eram ocupadas por indivíduos de motivações e comportamentos distintos. No *corpus* analisado especificamente, três arenas de embate puderam ser claramente notadas: o patronato, a atuação judiciária e a literatura. Esses três espaços foram essenciais para a ascensão social e a busca por *honos* dentro do Principado. A ação nesses ambientes, por sua vez, era condicionada por diversos fatores, mas principalmente pela personalidade do *princeps* na condução da política imperial e pela postura dos outros aristocratas.

⁴⁰ De acordo com Finley (1985, p. 68): “embora houvesse discussão no Principado, o poder final e efetivamente irrestrito de decisão em matérias de ação governamental repousava num só homem, não nos votantes.” Com isso, Finley nega a possibilidade da prática política durante o Principado.

Atuar politicamente sob um tirano exigia uma postura diferente do que atuar sob um *optimus princeps*. Da mesma maneira, a ação política sob uma aristocracia servil ou em um ambiente rodeado de delatores exigia um comportamento mais moderado do que sob um Senado virtuoso onde se podia falar livremente. Tal contexto se refletia tanto nas ações como nas palavras. É justamente isso, dentre tantas outras coisas, que Tácito e Plínio, o Jovem, alertaram incessantemente através de suas obras e de seus *cursus honorum*: para sobreviver é preciso se adaptar às necessidades de seu próprio tempo. Nesse tempo, amizade e competição se entrelaçavam na medida em que honra e sobrevivência eram os principais objetivos de uma aristocracia extremamente heterogênea, mas que se via compelida a se ajustar em espaços e estratégias semelhantes de atuação política para alcançar o sucesso e sobreviver.

Artigo recebido em 10.08.2018, aprovado em 31.01.2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

Catón, El Censor. *Tratado de Agricultura*. Fragmentos. Traducción de Alfonso Garcia-Toraño Madrid: Editorial Gredos, 2012.

Cicero. *De Oratore*. Translated by H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1942.

Juvenal and Persius. Translated by Susanna Morton Braund. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004.

Plínio el Joven. *Cartas*. Introducción, traducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

Pliny. *Panegyricus*. Translated by Betty Radice. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1996.

Polybius. *The Histories*. Books XXVIII-XXXIX and translated by W.R. Paton and unattributed fragments edited and translated by S. Douglas Olson. Cambridge, MA: Harvard/University Press, 2012.

Seneca. *Apocolocyntosis*. Translated by P.T. Eden. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1984.

Seneca. *De Beneficiis*. Translated by John W. Basore. In: *Moral Essays*, vol. III. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

Taciti. *De Vita Agricolae*. R.M. Ogilvie & I. Richmond (eds) Oxford: Oxford University Press, 1967.

Tácito. *Diálogo dos Oradores*. Tradução de Júlia Batista Castilho de Avellar & Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

Tacitus. *Histories and Annals*. Translated by W. Heinemann. Cambridge, MA: Havard University Press, 1980, 4 vols.

_____. *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.

Varrón. *De las Cosas del Campo*. Traducción de Domingo Tirado Benedí. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1945.

Bibliografia Crítica

Andrade, M.C.A.L.S. de. *A Germania de Tácito: Tradução e Comentários*. Dissertação de mestrado, Letras Clássicas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

Bauman, Richard. *Crime and Punishment in Ancient Rome*. London: Routledge, 1996.

Bennett, Julian. *Trajan: Optimus Princeps*. London: Routledge, 2005.

Bruère, Richard. Tacitus and Pliny's Panegyricus. *Classical Philology*, vol. 49, No. 3, 1954, p. 161-179.

Crook, John. *Consilium Principis: Imperial Councils and Counsellors from Augustus to Diocletian*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.

Dominik, William. Tacitus and Pliny on Oratory. In: Dominick, R.; Hall, J. (eds) *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, pp. 323-339.

Edwards, Rebecca. Hunting for Boars with Pliny and Tacitus. *Classical Antiquity*, vol. 27, no. 1, 2008, p. 35-58.

Faversani, Fábio; Joly, Fábio. Tácito, sua Vida de Agrícola, e a competição aristocrática no Alto Império Romano. *Mnemosine*, 4(1), 2013, p. 133-147.

Faversani, Fábio. *Estado e Sociedade no Alto Império Romano: Um Estudo das Obras de Sêneca*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

Finley, Moses. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Gardner, Jane. *Being a Roman Citizen*. London: Routledge, 1993.

Gowing, Alain. *Empire and Memory. The Representation of the Roman Republic in Imperial Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Griffin, Miriam. Pliny and Tacitus. *Scripta Classica Isralica*, vol. 18, 1999, p. 139-158.

Hopkins, Keith. *Death and Renewal*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

Johnson, William A. *Readers and Reading Culture in the High Roman Empire: A Study of Elite Communities*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

Marrou, Henri Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.

Mchugh, Mary R. Historiography and freedom of speech: The case of Cremutius Cordus. In: Sluiter, I. *et al.* (orgs) *Free Speech in Classical Antiquity*. Leiden: Brill, 2004, p. 391-408.

Murgia, Charles. Pliny's Letters and the Dialogus. *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 89, 1985, p. 171-206.

Nobre, Ricardo. *Intrigas Palacianas nos Annales de Tácito: Tentativas e Processos de Obtenção de Poder no Principado de Tibério*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

Paterson, Jeremy; Powell, Jonathan. Introduction. In: Paterson, J.; Powell, J. (eds) *Cicero: The Advocate*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 1-57.

Rutledge, Steve. *Imperial Inquisitions: Prosecutors and Informants From Tiberius to Domitian*. London/New York: Routledge, 2001.

Saller, Richard. *Personal Patronage Under the Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Sailor, Dylan. *Writing and Empire in Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Sherwin-White, Adrian Nicolas. *The Letters of Pliny: Historical and Social Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

Syme, Ronald. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1958, 2 vols.

Wallace-Hadrill, The emperor and his virtues. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 30, H. 3, 1981, p. 298-323.

Waters, Keith. Traianus Domitiani continuator. *The American Journal of Philology*, vol. 90, no. 4, 1969, p. 385-405.

Williamson, Callie. *The Laws of the Roman People: Public Law in the Expansion and Decline of the Roman Republic*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.

Winterling, Aloys. *Politics and Society in Imperial Rome*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.